



J. BORGES – A ARTE DA XILOGRAVURA

Maria Aparecida dos Santos, cida_santos07@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice de Paula Santos

RESUMO: Este trabalho dedica-se à arte da xilogravura brasileira, não a arte erudita, aprendida em escolas ou centros acadêmicos ou ainda composta por mestres da antiguidade, e sim pela sua utilização no contemporâneo. Trataremos da arte realizada no Nordeste brasileiro, região mais pródiga nesse tipo de arte atualmente, através de sua figura mais importante e indubitavelmente mais expressiva, ou seja, o mestre J. Borges. A história de J. Borges confunde-se com a história do cordel brasileiro. Citaremos por diversas vezes o cordel, por estar este intrinsecamente ligado à xilogravura, arte com a qual são confeccionadas as ilustrações que revestem esses folhetins, e J. Borges sempre foi apaixonado por essa literatura. As figuras e histórias fantásticas contidas nos cordéis, que eram transmitidas a J. Borges e a seus irmãos passaram a povoar o seu imaginário; por ser de uma família bastante humilde, como a de tantos outros existentes nessa região, o cordel era o seu único contato com o mundo das artes e da literatura. A paixão pelo Cordel, cultivada na infância, levou J. Borges a investir em uma nova empreitada, e, em meados dos anos 50, ele passou a revender Cordéis comprados no Recife, em feiras populares do povoado em que habitava. Graças a sua desenvoltura e criatividade, a vendagem começou a render-lhe frutos, e aos poucos o operário da construção civil foi dando lugar ao comerciante J. Borges. O contato com o cordel, intensificado com este seu novo trabalho, foi um passo considerável para que a história de J. Borges como artista folclórico brasileiro começasse em 1964. Incentivado por Antonio Ferreira da Silva, veterano poeta da região, escreveu seu primeiro cordel, “O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina”, que se tornou um grande sucesso, com ilustração do mestre Dila, de Caruaru, cidade do agreste pernambucano. O encontro de J. Borges com mestre Dila traria uma grande mudança na vida de J. Borges.

Palavras-chave: Arte. Xilogravura. Literatura de cordel.

ABSTRACT: *This work is dedicated to the art of the Brazilian woodcut, not the learned art learnt in schools or academic centres or still composed by masters of the antiquity, but for his use in the contemporary. We will treat the art carried out in the Brazilian Northeast, the most wasteful region in this type of art at present, through his most important figure and undoubtedly more expressive, in other words, the master J. Borges. The history of J. Borges gets confused with the history of the Brazilian string. We will quote for several times the string, since East intrinsically connected with the woodcut is, art with which there are made the illustrations that cover these serial publications, and J. Borges was always in love with this literature. The figures and fantastic histories contained in the strings, which were transmitted J. Borges and to his brothers, started to populate his imaginary; because of being a quite humble family, like so many other people existent in this region, the string was his only contact with the world of the arts and of the literature. The passion for the String, cultivated in the childhood, got a beating J. Borges to invest in a new commission, and, in the middle of the 50's, he started to resell Strings bought in Recife, in popular markets of the village in which he was living. Because of his self-confidence and creativity, the sale began to bring him in results, and gradually the worker of the civil construction was giving place to a trader J. Borges. The contact with the string intensified with this his new work, was a considerable step for which the history of J. Borges as folk Brazilian artist began in 1964. Stimulated by Antonio Ferreira da Silva, veteran poet of the region, he wrote his first string, “The meeting of two cowboys in Sertão de Petrolina”, which made a great success, with illustration of the master Dila, of Caruaru, city of the rural person from Pernambuco. The meeting of J. Borges with main Dila would bring a great change in the life of J. Borges.*

Keywords: Art. Woodcut. String Literature.



INTRODUÇÃO

J. Borges, 72 anos de idade, que reside em Bezerros, agreste de Pernambuco, encontrou na literatura de cordel e na xilogravura suas realizações pessoais e imaginárias. “O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina” foi o primeiro cordel produzido por ele, e foi um sucesso de venda, tanto que ele não parou de produzir sua arte até hoje.

Como outros mestres da cultura popular, a sua fama atravessou os limites de sua cidade, ganhando diversos prêmios e participando de várias exposições pelo mundo.

J. Borges disse que a poesia de seus cordéis vem do dia-a-dia do povo, da convivência, das lendas, e que até hoje nunca falhou.

É através da xilogravura na madeira que as cavas e as formas ocultas são despertadas quando ocorre a impressão das matrizes. Essa contribuição da arte visual, através da xilogravura, o conhecimento e as técnicas utilizadas por este artista nos remetem a entender que apesar da literatura de cordel não ter nascido com a xilo, ela passou a representar hoje a capa mais original do cordel.

Esta pesquisa tem como objetivo contribuir para divulgação do trabalho da xilogravura de J. Borges, mostrando a trajetória da sua vida, de seu reconhecimento como artista, e o que há de tão importante na arte desse pernambucano que continua a escrever e ilustrar seus cordéis.

Foram realizadas leituras de livros, de revistas, de cordéis e, também, pesquisas na internet, e a partir desse estudo foi possível construir os conceitos deste trabalho, mas a melhor experiência foi constatar toda a veracidade das informações já obtidas nas pesquisas, através do próprio artista em entrevista que ele concedeu por telefone.

XILOGRAVURA E LITERATURA DE CORDEL

Uma das maiores contribuições que o Nordeste já ofereceu ao Brasil no campo das artes, as xilogravuras são ilustrações populares obtidas por gravuras talhadas em madeira.

“Xilogravura é uma palavra composta pelos termos gregos “xylon” e “graphein”, que significam, respectivamente, “madeira” e “escrever”. Xilografia significa, portanto, a maneira de escrever ou gravar com o emprego de matrizes de madeira. Para a produção de uma matriz xilográfica toma-se um pedaço de madeira adequadamente escolhida e preparada e, obedecendo a certas condutas, entalha-se nele um desenho ou texto. Depois, entinta-se essa matriz que, em seguida, é prensada sobre uma folha de papel. Agindo como um carimbo, a matriz imprime o desenho ou texto no papel, originando uma gravura. Essa gravura, assim obtida, chama-se XILOGRAVURA (COSTELLA, 1987, p. 09 e 10)”.

O homem sempre teve a necessidade de se expressar, e quando vemos a arte da pré-história, o que era produzido nas cavernas escuras e inacessíveis, deixando registros impressionantes de linhas gravadas e preenchidas com cores, em paredes ou em ossos, no barro, no marfim ou em outros materiais naturais, sabemos tratar-se de um modo genérico de artes gráficas.

A xilogravura merece um local de honra na história da gravura por ser a mais antiga, a mais direta, e, em virtude da sua extrema simplicidade, ser a forma mais democrática de apresentação de um meio artístico, já que permite grande multiplicação de cópias. A madeira possui texturas que indicam sua idade e seu caráter, e podem ser macias ou duras, com veios ou lisas. E o artista popular nordestino conseguiu construir, através desta arte, a mais rica e instigante expressão plástica da cultura rural brasileira, pois com pouca leitura, o artista usou a técnica milenar da xilogravura para retratar o seu mágico universo, onde anjos se misturam com demônios, beatos e cangaceiros, princesas com boiadeiros, todos envolvidos em crenças, esperanças, lutas e desenganos da região mais pobre do País.

“Ariano Suassuna disse que na gravura popular o que mais lhe agradava era sentir o real transfigurado pelo poético, o real como mero ponto de partida, o achatamento geral da gravura pela ausência de profundidade, pela falta de tons entre o claro-escuro e pela falta de perspectiva, assim como



a predominância do traço limpo, puro e forte contornando as figuras. (FRANKLIN, 2007, p. 9)”.
A xilogravura na literatura de cordel completou cem anos em 2007, tendo como o mais antigo e único documento reconhecido o cordel editado por Chagas Baptista em 1907, que se encontra nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Na história do povo, a literatura popular sempre existiu, pois o homem sempre precisou contar seus casos, principalmente de lutas contra inimigos, contra animais, contra a natureza, ou de conquistas românticas, e com a evolução destas técnicas foram se sofisticando até o aparecimento dos versos e rimas.

Este nome veio de Portugal, por serem folhetos presos em um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos. Na origem espanhola, esta literatura era chamada de *Pliegos Suelos*, o que corresponde a “folhas volantes”, nome que deu origem à nossa literatura de cordel.

Essa arte se iniciou no Brasil no final do século XIX, entretanto ela ainda continua relativamente desconhecida do grande público devido à escassa distribuição dos folhetos, ao contrário do que ocorre em outros países da América Latina, como o México e Argentina, que incluem em suas escolas estudos oficiais sobre essa literatura.

O cordel era versado e impresso em folhetos para ser vendido em feiras, e há muita controvérsia sobre qual foi o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado no Brasil.

Câmara Cascudo diz que foi o romance “Zezinho e Mariquinha ou a Vingança do Sultão”, do cantador Silvino Pirauá de Lima, em fins do século XIX, entretanto, Ariano Suassuna diz ser um folheto impresso em 1836, o “Romance d’A Pedra do Reino”, que circulava pelos sertões.

“A Imprensa escrita possibilitou a publicação rápida e a baixo custo de um enorme manancial de literatura oral conservado de memória, por narradores ou cantadores, de geração em geração, sem se saber de autores definidos. O termo Literatura Oral, com essa acepção, foi criado pelo estudioso francês Paul Sebillot, em 1881, para denominar o folclore dos contos, cantos,

fábulas, lendas, mitos, anedotas... adivinhações... jogos infantis, enigmas... provérbios, orações, canções, frases feitas... receitas, danças cantadas, desafios... superstições, conselhos, casos... ditados, estórias... enfim tudo o que o povo cria e conserva para a sua conservação e lazer... Uma particularidade é a de que cada povo recria as estórias de acordo com o seu caráter e época, atualizando essa oralidade, que deve vir de milênios. A Literatura de Cordel é, enfim, tudo isso impresso. Pode ser em prosa ou em verso. Atualmente no Brasil, é mais com as estórias versadas e impressas em folhetos baratos (MAXADO, 1980, p. 23 e 24)”.

Os folhetos de literatura de cordel geralmente possuem de 8 a 16 páginas, que tratam sobretudo de fatos circunstanciais. Os romances, no entanto, possuem 32 páginas, as estórias são os de mais de 32 páginas. Eles são impressos em papel-jornal, com o papel da capa colorido, e nela estão o título, xilogravura, nome do autor e figuras ilustrativas, possuindo o tamanho de 11 por 16 centímetros.

A presença do cordel no ambiente nordestino teve um significado muito importante, pois os livros eram raros e o analfabetismo era alto, e esses folhetos eram lidos pelos alfabetizados, tornando-se assim conhecimento também para os analfabetos.

Antes que o jornal se tornasse um meio de comunicação amplamente difundido, e o rádio fizesse parte do cotidiano, a literatura de cordel era a fonte de informação mais popular. Era através no folheto que o povo ficava sabendo dos acontecimentos.

No Brasil há muitos editores da literatura de cordel, e a cada dia ele dá provas de que se revitaliza com novos e grandes nomes de destaque nessa arte, sendo que Pernambuco é o Estado onde mais se produzem folhetos. E entre os maiores retratistas da fantasia sertaneja se encontra J. Borges.

J. BORGES

José Francisco Borges ou J. Borges, como é conhecido no mundo das artes plásticas, nasceu em 20 de dezembro de 1935, no Sítio Piroca, em Bezerros, Pernambuco, cidade do Agreste pernambucano,



distante do Recife, cerca de 110 quilômetros.

Filho de lavradores, Borges com pouco estudo e muito trabalho, fez de quase tudo na infância e na adolescência: trabalhou na agricultura, vendeu cestos e balaios nas feiras, foi marceneiro, mascate, pintor de paredes e oleiro.

Sua vida sempre foi marcada pela literatura de cordel, pois na cidade de Bezerros, quando ele era criança, sua família não possuía rádio e ainda não existia televisão. As poucas notícias que chegavam eram através do cordel. Era assim que J. Borges ficava sabendo dos acontecimentos da época. O pai, Joaquim Francisco, trazia das feiras de Bezerros os folhetos, e sempre lia as histórias para os filhos e ele se apaixonou por essa forma de escrever.

O autor só conseguiu ir à escola por volta dos 12 anos de idade, período em que aprendeu a ler, mas já sabia de cor o texto do “Romance do Pavão Misterioso”. Lá pelos seus 12 anos começou a freqüentar a escola, mas permaneceu por pouco tempo, apenas dez meses, quando o professor foi trabalhar no Recife, deixando J. Borges sem aprender as contas de dividir.

Em 1956, com as economias do seu trabalho juntou 600 cruzeiros no mealheiro, pequeno cofre de cerâmica, viajou para Recife e comprou folhetos para revender nas feiras em Escada. Embora vivendo principalmente do trabalho na construção civil, passou a vender regularmente folhetos nas feiras da região nos fins de semana. O comércio de folhetos marcou um novo ciclo em sua vida.

“Abriu e espalhou os cordéis. Acharia que bastaria esparramar os folhetos. Mal tinha começado a profissão, quando chegou um freguês e pediu: Leia para a gente. Foi uma facada. Eu tinha de ler. Ler como? Olhava e via o povo, do tamanho de um elefante. Depois, pensei, fechei a cara e encarei o texto. Cantei uma parte, cantei duas... Quando terminei a história, dez ou doze compraram... Do terceiro em diante estava cínico, falando piadas. O povo ria. Vendi 500 cruzeiros de folhetos em quatro feiras (FRANKLIN, 2007, p. 17)”.

O trabalho na construção civil foi progressivamente substituído pelo cordel até que, em 1964, o veterano poeta Antonio Ferreira da Silva incentivou a impressão do seu primeiro original. Com capa ilustrada pelo Mestre Dila, de Caruaru, “O Encontro de Dois Vaqueiros no Sertão de Petrolina” tornou-se o seu primeiro grande sucesso. O sonho alimentado por tanto tempo foi realizado, o de ter seu nome impresso na capa de cordel.

“De nome José Francisco da Silva, o Dila foi poeta e gravador. Confeccionava as matrizes de madeira para seus companheiros e para o editor João José. Os outros poetas se apegavam a ele. Alguns artistas passaram a entalhar as madeiras. A este grupo pertencem os três maiores xilogravadores do Nordeste: J. Borges, Dila e Costa Leite. Eles surgiram com a popularização da indústria do cordel (FRANKLIN, 2007, p. 17)”.

Em poucos dias vários exemplares foram vendidos e o resultado dessa primeira experiência incentivou novas criações. No entanto, com a dificuldade de conseguir clichês para a ilustração das capas dos folhetos, e sem dinheiro para a gravura, pegou um pedaço de madeira, pegou um lápis e desenhou uma igreja. Como ele nunca tinha ido ao Ceará, talhou as duas torres para lembrar a Matriz de Juazeiro do Norte, e só percebeu o engano tempos depois – a igreja só tinha uma torre. Esta foi sua primeira gravura, para o seu segundo folheto: “O verdadeiro Aviso de Frei Damião sobre os Castigos que Vêm”. Até hoje, as tiragens de exemplares desse cordel se esgotam rapidamente. Outros sucessos desse período foram “A Mulher que Vendeu o Cabelo e Visitou o Inferno” e a “A Chegada da Prostituta no Céu”, que se tornaram clássicos do gênero. Borges possui atualmente mais de uma centena de poemas publicados.

Mas o artista destaca a gravura “A Chegada da Prostituta no Céu”, de 1976, como sua obra mais famosa, pois esta gravura deu origem ao cordel de mesmo nome na década de 80, quando todos pediam para que ele contasse a história desta gravura.

Cordel de J. Borges
“O Verdadeiro Aviso de Frei Damião
sobre os Castigos que Vêm”,
Bezerros. Pernambuco, Brasil.

“Fui ao Juazeiro e lá
Falei com Frei Damião
Fui à igreja do horto
Lá assisti a um sermão
Saí de lá com saudade
Trouxe esta novidade
Vou ler e quero atenção
(FRANKLIN, 2007, p. 93)”

Cordel de J. Borges
“A Chegada da Prostituta no Céu”,
Bezerros. Pernambuco, Brasil.

“Do rosto da poesia
Eu tirei um santo véu
E pedi licença a ela
Para tirar o chapéu
E escrever a CHEGADA
DA PROSTITUTA NO CÉU
(FRANKLIN, 2007, p. 93)”

Para J. Borges a melhor madeira para trabalhar a xilo é a imburana, pois ela não empena, e não existe inseto que a ataque, conforme ele explica: “A madeira é boa, porque dá boa impressão e facilita o corte. Você pode ir com o quicé, a faca ou a goiva, em qualquer direção, independente do veio das fibras. Você talha em todos os sentidos” (FRANKLIN, 2007, p. 33).

Depois que J. Borges começou a xilogravar, em pouco tempo, outros cordelistas começaram a encomendar algumas ilustrações. Cerca de cinco anos depois, um fato mudou por completo a carreira desse artista. Foi quando alguns turistas do Rio de Janeiro viram suas xilogravuras, gostaram muito e fizeram algumas encomendas em tamanhos maiores que os confeccionados para cordel. Eles então mostraram o

trabalho a Ariano Suassuna, que considerou J. Borges o melhor xilogravador popular do Nordeste, pois nunca tinha visto estampas populares com seu nível de composição e, principalmente, porque naquela época Ariano estava preocupado com o Movimento Armorial e buscava o que restava da cultura heráldica¹ no Brasil.

O encontro com Ariano Suassuna, em 1972, marcou a vida de J. Borges para sempre. Ariano então mostrou a J. Borges o “Romance da Pedra do Reino”, que foi recém-editado, mas J. Borges desconhecia o livro, nunca tinha ouvido falar, no entanto, a gravura de J. Borges da onça era igual à que estava no livro. O fato evidenciava que ali estava um fenômeno, o mais inventivo criador da arte popular nordestina. A imprensa foi toda conhecê-lo, e em uma semana ele recebeu muita gente querendo comprar seus trabalhos. Suas gravuras passaram a ser reconhecidas como autêntica expressão pictórica da arte popular, não mais da cultura nordestina, mas da brasileira.

Atualmente J. Borges coleciona vários títulos e troféus pelo mundo todo, inclusive no Brasil. O Museu de Arte Contemporânea e o Salão de Arte Global de Pernambuco o premiaram em 1974, a Secretaria de Cultura do Recife deu o título de Literatura de Cordel e depois recebeu a plaqueta de ouro de Bezerros, sua cidade natal.

Vários espaços de cultura se abriram para exposições desse xilogravador, como museus, galerias e associações culturais. No Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna, o Museu Nacional, A Petite Galeria, a Faculdade de Letras, o Cinema 11 de Copacabana e o Serviço Social do Comércio. Em São Paulo, o Pavilhão do Ibirapuera e a Galeria Bode. Em Salvador, a Aliança Francesa. Em Brasília, a Fundação Pró-Memória, o Ministério do Interior, a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, a Livraria Presenças e a Aliança Francesa. Em Caruaru, a Casa de Cultura João Conde, e em Recife, o Congresso Brasileiro de Psicanálise. Expôs também em Londrina, Juazeiro do Norte, Petrolina, Arcoverde, Garanhuns, Triunfo e Porto Alegre.

Os trabalhos de J. Borges estão espalhados por vários países. Ele já viajou para os Estados Unidos, Venezuela, Chile, participou de exposições em 20 países da Europa e já teve trabalhos exibidos em

¹ Arte ou ciência dos brasões.



vários museus, como do Louvre em Paris. Foi o único pernambucano a receber o Prêmio de Honra ao Mérito Cultural 1999, do Ministério da Cultura, e, ao receber a medalha do então presidente Fernando Henrique Cardoso, foi surpreendido pela afirmação do ex-presidente de que sempre lê seus cordéis e possui muitas de suas gravuras.

Realmente, não poderia ser diferente, porque se J. Borges influenciou o mundo, o que dizer de seus familiares. Em sua família, dez pessoas dedicam-se à gravura: seus filhos, sobrinhos, primos, cunhada e irmão. Muitas vezes, há uma dificuldade em se distinguir os traços de J. Borges dos demais desenhos esculpidos pela grande família.

A madeira é sua matéria-prima, e seus traços implicam em elaborar o desenho, gravar a madeira, aplicar a tinta; onde fica em branco à parte em baixo-relevo, e as partes de alto-relevo recebem tintas em cores ou em preto para que seja feita a impressão. Depois da impressão, a gravura fica dois ou três dias pendurada num barbante para secar. Essa técnica, pouco utilizada atualmente pelos artistas da literatura de cordel, só pode ser encontrada nas gráficas utilizadas por J. Borges.

As obras de J. Borges retratam o cotidiano do homem do Nordeste, a cultura, o folclore e a luta do povo na vida do sertão. Outro tema freqüente no cordel e nas gravuras de J. Borges é o cangaço. E ele ainda vai imaginando e criando objetos, poemas, imagens e seres que a vida não consegue recriar, como por exemplo: chifre com asas, pés de cavalo em porcos e bico de galinha em macacos. “Viver no sertão também significa viver a dualidade entre o que a natureza não oferece e como a cultura pode suprir essa falta, ou seja, é investir-se de uma armadura imaginária como arma de sobrevivência. (ALMEDIA, 2002, p. 36).

A pesquisadora conversou com J. Borges, em entrevista realizada em 20 de dezembro de 2007, por telefone, quando o artista contou um pouco sobre o que já foi expresso neste trabalho:

“Fui criado no sítio, onde a forma de lazer era escutar literatura de cordel. Meu pai sempre lia. Quando fui para escola tinha o intuito de aprender a ler literatura de cordel.

Então, quando comecei a escrever e a

xilogravar esta arte foi muito prazeroso, como ainda tem sido, porque o que me inspira a criar os desenhos de xilogravura são: o dia-a-dia, as lendas, a decadência, a alegria, e a tristeza.

Gosto de todas as xilogravuras que produzi, mas a que mais marcou minha vida foi “A Chegada da Prostituta no Céu”, porque primeiro eu fiz a gravura e depois o cordel. Em dezembro do ano passado, tive uma grande surpresa, pois, em meu aniversário, um grupo de teatro da cidade de Recife, dirigido por Manoel Constantino, apresentou uma peça muito engraçada, inspirada nesta literatura. Fiquei muito contente.

Sei que a xilogravura ainda não mudou a vida do Nordeste. Inspirou. Influenciou muita gente, mas ainda não mudou, porque o povo se ocupa muito com outras coisas e acaba esquecendo das suas raízes. Acredito que a tendência é mudar, pois o colégio tem incentivado as pessoas a procurarem por esta arte.

Eu nunca precisei sair da minha terra natal em busca da minha realização profissional, eu permaneci pela xilo, fui influenciado pela xilo. Nunca pensei em desistir. Trabalhei sempre com muito otimismo. Acreditava, como ainda acredito muito nesta arte. Então mandava meus trabalhos, corria atrás para dar certo.

Mas para mim, a fase mais gloriosa foi quando em 1992 viajei para Suíça, para os EUA. Quando comecei a viajar fui muito bem-sucedido, muito bem aceito, então fiquei alegre.

Ariano Suassuna é um grande amigo, padrinho de arte. Na comemoração dos seus 80 anos de idade, lhe entreguei um milheiro de cordéis que fiz especialmente sobre a vida dele”.

E nesta vida tão simples do agreste, onde a vida e a arte, a terra e os sonhos são opostos que se complementam, vive o artista J. Borges. Um homem muito otimista, alegre e atencioso, características do povo nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



J. Borges teve uma trajetória difícil, mas nunca desistiu de ser reconhecido como um artista popular. Sendo que a sua característica mais marcante foi exatamente a busca pela realização de seu grande sonho, o de ter seu nome impresso numa capa de cordel.

Hoje, ele tornou-se o maior xilogravador popular do Nordeste, demonstrando que o otimismo em continuar em sua linha de expressão artística fez com que ele fosse reconhecido mundialmente, mostrando seu trabalho, como ele mesmo disse, "misterioso".

A arte dos seus trabalhos é de suma importância, pois divulga o cotidiano do povo nordestino, suas crenças, sua cultura, seu imaginário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ângela. Encantaria da Pedra: O espaço estético no sertão e na obra de Flávio Freitas. Natal: Editora Marize Castro, 2002. 152 p.

BORBA FILHO, Hermilo. Arte Popular do Nordeste. 9ª Edição. Recife: Ed. Bancários. 1966. 112 p.

CAMPOS, Alda Maria Siqueira. Literatura de Cordel e difusão de inovações. 1ª Edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 1998. 160 p.

COSTELLA, Antonio. Xilogravura Manual Prático. Campos do Jordão, SP : Editora Mantiqueira. 1987. 64 p.

DIEGUES JUNIOR, M. Literatura de Cordel. 2ª Edição. Cadernos de Folclore 2. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 1977. 38 p.

FRANKLIN, Jeová. J. Borges. 1ª Edição. São Paulo: Editora Hedra, 2007. 142 p.

_____. Xilogravura Popular na Literatura de Cordel. Brasília, DF: Editora LGE, 2007. 124 p.

MAXADO, Franklin. O que é Literatura de

Cordel? Vol. 04. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980. 143 p.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

LOSTART. Disponível em: [HTTP://www.lostart.com.br](http://www.lostart.com.br). Acesso em: 05 jun. 2007.

XILOGRAVURA: J. Borges. Disponível em: <http://bezerros-pe.hpg.ig.com.br/artesanato_xilogravura_jborges.htm> Acesso em: 05 out. 2007.